

INDICATIVOS VISUAIS DOS NAVIOS DE GUERRA*

EDUARDO ITALO PESCE**
Professor

SUMÁRIO

Introdução
Origens dos indicativos visuais
Países usuários
Considerações sobre o Brasil
Padronizando as diferenças
Pintura dos indicativos e das unidades
Conclusão
Anexos

INTRODUÇÃO

Praticamente todas as Marinhas usam algum tipo de indicativo visual (alfanumérico ou numérico) no costado ou na superestrutura de seus navios de superfície e submarinos. A Marinha do

Brasil (MB) não é exceção, tendo adotado o sistema alfanumérico atualmente em uso (em substituição aos anteriormente utilizados) em meados da década de 50 do século passado. Por ser de caráter ostensivo, o indicativo visual (também chamado “número de amura”) permite

* Trabalho originalmente submetido à *Revista Marítima Brasileira* em maio de 2018. Texto atualizado e revisto em junho de 2019.

** Especialista em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre em Estudos Marítimos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval (PPGEM/EGN), professor aposentado do Centro de Produção da Uerj, colaborador permanente do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha do Brasil (Cepe/MB) e colaborador emérito da *RMB*.

identificar, sem grande dificuldade, as unidades navais de qualquer país¹.

Inúmeros países fazem uso de sistemas baseados no sistema alfanumérico de origem britânica, reorganizado em sua forma atual em 1948 (e revisto em 1958). Este sistema foi adotado pelas Marinhas dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e por diversas outras Marinhas², embora algumas delas prefiram utilizar sistemas numéricos próprios (como a Rússia e a China) ou baseados no norte-americano (como o Canadá e a Austrália)³.

Neste trabalho, abordaremos o sistema alfanumérico britânico de *Pennant Numbers* e suas variantes, inclusive aquela empregada por nossa Marinha, procurando analisar seus aspectos comuns e suas diferenças peculiares. O sistema numérico norte-americano de *Hull Classification Symbols* (símbolos de classificação de casco), por ser fundamentalmente diferente, merece estudo à parte. O texto baseia-se em fontes e bibliografia ostensivas, sendo as opiniões de caráter estritamente pessoal.

ORIGENS DOS INDICATIVOS VISUAIS

Durante o século XX, tornou-se prática comum a quase todas as Marinhas do mundo a adoção de indicativos visuais, pintados nos cascos (ou nas superestruturas) das unidades navais. Introduzido

no início do século passado (embora já houvesse registro de uso limitado no final do século anterior), tal costume originou-se a partir dos distintivos numéricos de bandeiras trapezoidais (*pennants*), usados desde a época das Marinhas a vela, para permitir a identificação dos navios no mar. Inicialmente, a exibição dos indicativos nos costados estava limitada aos navios menores (de porte igual ou inferior a contratorpedeiro), embora unidades maiores (encouraçados, navios-aeródromos e cruzadores) também os possuíssem. Após a Segunda Guerra Mundial, sua exibição, em tempo de paz, foi estendida a todos os tipos de navio – embora a tendência atual seja não exibi-los na “vela” dos submarinos, especialmente os dotados de propulsão nuclear⁴.

Os sistemas de indicativos visuais hoje em uso dividem-se basicamente em dois tipos. Os indicativos alfanuméricos (*Pennant Numbers*) consistem de uma letra seguida por dois ou mais dígitos. Este sistema, de origem britânica, é empregado pelas Marinhas europeias da Otan e foi adotado por inúmeras outras Marinhas, inclusive a do Brasil⁵. Já os “símbolos de classificação de casco” (*Hull Classification Symbols*) têm origem norte-americana. Sistemas desse tipo são empregados pelas Marinhas de países como Canadá, Austrália, Rússia e China. Nas diversas variantes, apenas os números são mostrados no casco, sendo omitidos os

1 PENNANT Number. *Wikipedia, the free encyclopaedia*, 23 Dec. 2017. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pennant_number>. Último acesso em: 16 jan. 2018. Ver também: MASON, Geoffrey B. *British Pennant Numbers. Naval History Homepage*, 01 Dec. 2010. Disponível em: <<http://www.naval-history.net/xGM-Ops-Pennant%20Numbers.htm>>. Último acesso em: 16 jan. 2018.

2 *Ibidem*.

3 HULL classification symbol. *Wikipedia, the free encyclopaedia*, 18 Jan. 2018. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Hull_classification_symbol>. Último acesso em: 23 jan. 2018. Ver também: HULL classification symbol (Canada). *Wikipedia, the free encyclopaedia*, 8 Nov. 2017. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Hull_classification_symbol_\(Canada\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Hull_classification_symbol_(Canada))>. Acesso em: 23 jan. 2018.

4 PENNANT Number. *Op. cit.* Ver também: MASON. *Op. cit.*

5 *Ibidem*.



CT francês *Forbin* (D620) – Foto US Navy – Rafael Figueroa Medina

símbolos alfabéticos (não fonéticos) que identificam os tipos de navio⁶.

Originalmente, o sistema alfanumérico de bandeiras reunia uma letra (*Flag Superior*) içada na adriça acima de um número. O inverso – um número içado acima de uma letra (*Flag Inferior*) – também podia ocorrer (por exemplo, no caso de submarinos). As versões primitivas costumavam associar a letra a uma classe ou flotilha de navios, e a parte numérica a unidades específicas daquela classe ou flotilha. Posteriormente, a letra passou a ser associada ao tipo de navio. A *Royal Navy* também usava listras (geralmente pretas ou brancas), pintadas numa chaminé ou na superestrutura dos navios, a fim de indicar o líder de flotilha ou divisão, e vestígios desta prática ainda persistem. O atual sistema de indicativos alfanuméricos de origem britânica, instituído em

1948 para substituir o anterior (utilizado durante a Segunda Guerra Mundial), foi adotado pela Otan desde a sua fundação e foi revisto em 1958 (ver Quadro nº 1)⁷.

Durante a guerra, o Brasil empregou um sistema de indicativos visuais, no qual a parte alfabética (uma ou duas letras) se referia à classe do navio. Podemos citar os contratorpedeiros de escolta da classe *Bertioga* (Be-1 a Be-8) e as corvetas (anteriormente navios-mineiros) da classe *Carioca* (C-1 a C-6), assim como os caça-submarinos das classes *Guaporé* (G-1 a G-8) e *Javari* (inicialmente CS-51 a CS-58, posteriormente J-1 a J-8)⁸. O sistema alfanumérico britânico (com modificações) foi adotado pela Marinha do Brasil em 1955, embora alguns navios, como os cruzadores *Barroso* (C11) e *Tamandaré* (C12), adquiridos dos Estados Unidos, já o utilizassem⁹.

6 HULL classification symbol. *Op. cit.* Ver também: HULL classification symbol (Canada). *Op. cit.*

7 *Ibidem.*

8 NGB – *Navios de Guerra Brasileiros* (página inicial). Relação em ordem alfabética. Disponível em: <<http://naval.com.br/ngb/>>. Último acesso em: 23 jan. 2018.

9 *Ibidem.* Ver também: PENNANT Number. *Op. cit.* Ver ainda: MASON. *Op. cit.*

PAÍSES USUÁRIOS

Diversas Marinhas usam o sistema da Otan de indicativos alfanuméricos, que inclui uma numeração sequencial padronizada. Segundo este sistema, os indicativos dos navios de guerra ou auxiliares de todos os países-membros da organização seriam compostos por uma letra que identifica o tipo, seguida de um número dentro de uma sequência numérica que foi atribuída a cada Marinha quando o sistema foi instituído¹⁰. Esta é a razão pela qual os navios de Marinhas europeias que dispõem de poucas unidades (como a Marinha portuguesa, por exemplo) ostentam números elevados, de três ou quatro dígitos, em seus costados.

Apesar de ser de origem britânica, o sistema é empregado pelas Marinhas de todos os membros europeus originais da Otan: Alemanha, Bélgica, Dinamarca,

França, Grécia, Itália, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido e Turquia (ver Quadro nº 2). Existem pequenas discrepâncias ou diferenças com relação a algumas unidades de pequeno porte e embarcações de serviço ou de desembarque¹¹. As Marinhas dos Estados Unidos e do Canadá não empregam o sistema da Otan, embora ambos façam parte da aliança¹². Já a França, mesmo tendo deixado, por algum tempo, de fazer parte da estrutura militar da organização, manteve sua adesão ao sistema.

Tendo ingressado na aliança mais tarde, a Espanha adotou este sistema apenas em parte, e as unidades de sua Marinha não seguem a sequência numérica padrão. Após o fim da Guerra Fria, a Otan passou por um processo de expansão, passando a admitir novos membros, alguns dos quais antigos países socialistas, que integravam o extinto Pacto de Varsóvia. Em geral,



Fragata italiana *Carlo Bergamini* (F590) – Wikipedia – Fabius1975

10 PENNANT Number. *Op. cit.* Ver também: MASON. *Op. cit.*

11 *Ibidem.*

12 HULL classification symbol. *Op. cit.* Ver também: HULL classification symbol (Canada). *Op. cit.*



Fragata britânica *HMS Sutherland* (F81) – Foto MoD

tais países ainda empregam sistemas numéricos, baseados no soviético, também em uso na Rússia atual e (com modificações) na China.

Diversos outros países não pertencentes à Otan passaram a utilizar as letras do sistema, sem necessariamente empregar a numeração sequencial das unidades navais daquela organização. No caso das Marinhas dos principais países da Comunidade Britânica, Austrália e Canadá usam símbolos de classificação de casco, semelhantes aos norte-americanos, enquanto que África do Sul, Índia e Nova Zelândia usam o sistema alfanumérico.

As Marinhas latino-americanas dividem-se entre os dois sistemas. Na América do Sul, quase todas optaram por sistemas análogos ao norte-americano. São exceções, além da Marinha do Brasil, a da Venezuela (que emprega duas letras para alguns tipos de unidade) e a da Argentina (que omite na pintura dos navios a letra que identifica o tipo). Paraguai e Bolívia possuem Marinhas fluviais, enquanto que a Guiana possui apenas uma Guarda Costeira.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O BRASIL

Este autor considera o sistema de indicativos alfanuméricos, de origem britânica, bem mais simples. Além disso, a utilidade prática deste ultrapassa o âmbito interno da própria Marinha do país que o adotar. Com um mínimo de explicações, tal sistema pode ser perfeitamente compreendido até mesmo por leigos. Isto o torna particularmente vantajoso, como instrumento de relações-públicas e comunicação social/visual, particularmente junto ao público jovem.

O sistema norte-americano (inclusive nas versões canadense e australiana) de símbolos de classificação de casco, ao contrário, é relativamente complexo, podendo mesmo ser considerado “esotérico”. Isto o torna acessível apenas a “iniciados”, isto é, pessoas (inclusive civis) com conhecimento suficiente para “decifrar” as siglas (não fonéticas), empregadas para identificar os diferentes tipos de navio. O sistema russo emprega caracteres alfabéticos cirílicos seguidos

de três dígitos numéricos, enquanto que o chinês obviamente emprega ideogramas chineses. Alguns países podem ter desenvolvido sistemas próprios, mas estes não são relevantes para o presente estudo.

Pelas razões apresentadas, pode-se afirmar que a escolha da Marinha do Brasil, na década de 50, para o sistema de indicativos visuais de seus navios foi acertada. A relação dos meios navais atuais desta Marinha, atualizada até agosto de 2019, é mostrada no Quadro de Silhuetas em anexo. Como o Brasil não é integrante da Otan, obviamente não emprega a sequência numérica em uso naquela organização. Além disso, as letras usadas apresentam algumas diferenças em relação às do sistema de origem britânica – o que pode criar alguns mal-entendidos.

No Brasil, os números dos indicativos visuais atualmente empregados são iguais ou superiores a 10, sendo precedidos pela letra que identifica o tipo. Já no sistema que foi utilizado pela MB durante a guerra, o primeiro navio de uma classe normalmente ostentava o número 1, e raramente eram usados números de dois dígitos¹³. Assim como no sistema britânico pós-1948, que inspirou o brasileiro atual, não há problema em reutilizar um indicativo alfanumérico, anteriormente empregado por outro navio (de mesmo nome ou não) que tenha sido retirado do serviço. Todavia, isso tem sido pouco comum no Brasil, devido à longevidade dos nossos navios.

Em tese, a vantagem da adoção de uma numeração sequencial padronizada entre os diferentes países da Otan foi permitir a identificação imediata de qualquer navio

em qualquer das Marinhas da organização. Ironicamente, isso facilitava também a tarefa dos vigias a bordo dos navios soviéticos (e dos espões em terra) durante a Guerra Fria. Aquela sequência padrão hoje já não seria tão importante, devido à ampla divulgação de anuários navais e outras publicações periódicas ostensivas (inclusive *online*), contendo características, fotos e desenhos dos navios em serviço nas diversas Marinhas.

A incorporação à Marinha do Brasil, em 2012, do Navio-Patrolha Oceânico (NPaOc) *Amazonas*, cujo indicativo visual é P120, registrou o uso pela primeira vez de um indicativo com três dígitos em nossa Marinha. As outras duas unidades desta classe, *Apa* (P121) e *Araguari* (P122), deram sequência à numeração de três dígitos. Os sete navios-patrolha (NPa) da classe *Macaé* encomendados – dois dos quais, *Macaé* (P70) e *Macau* (P71), já foram incorporados – teriam indicativos que vão de P70 a P76. Infelizmente, o cancelamento do contrato, devido a problemas do estaleiro construtor, limitou as futuras entregas ao *Maracanã* (P72), cujo casco foi transferido para o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ).

Quatro novos submarinos de propulsão convencional (S-BR) receberão os nomes de *Riachuelo* (S40), *Humaitá* (S41), *Tonelero* (S42) e *Angostura* (S43). O S *Riachuelo* (S40), primeiro de sua classe, foi lançado ao mar no final de 2018 e deve realizar provas de mar em 2019. O primeiro submarino de propulsão nuclear (SN-BR) brasileiro se chamará *Álvaro Alberto*, e seu indicativo provavelmente será S10¹⁴. Não se deve confundir o prefixo

13 NGB – *Navios de Guerra Brasileiros*. *Op. cit.*

14 OS NOMES dos novos submarinos brasileiros. *Segurança & Defesa Online*, 31 out. 2012. Disponível em: <http://www.segurancaedefesa.com/Nomes_NovosSubs.html>. Acesso em 4 nov. 2012. Ver também: WILTGEN, Guilherme. “Submarinos brasileiros já têm nome e indicativo visual”, *Defesa Aérea & Naval*, 10 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.defesaareanaval.com.br/?tag=dcns>>. Acesso em: 12 nov. 2012.



PHM *Atlântico* (A140) e NDM *Bahia* (G40) – Foto MB

(que antecede o nome e indica o tipo de navio) com a letra do indicativo visual. Na MB, tanto o prefixo do nome (que designa o tipo de navio) como a letra do indicativo dos submarinos de tipo convencional é “S”. Os submarinos de propulsão nuclear provavelmente terão o prefixo “SN”, mas seu indicativo também deve ser “S”.

Para não causar confusão, talvez fosse interessante empregar os prefixos “Sb” e “SbN” para os submarinos, mantendo-se o indicativo “S” (que provavelmente não seria exibido na “vela” das unidades de propulsão nuclear). No caso dos navios de superfície, essa coincidência entre prefixo e letra de indicativo atualmente só ocorre para as fragatas, identificadas pela letra “F”. Poder-se-ia empregar “Fg” antes dos nomes. Não é conveniente empregar uma única letra para designar qualquer tipo de

navio – principalmente se esta também for empregada como letra de indicativo.

No sistema de indicativos alfanuméricos empregado pela Otan, a letra “A” é usada para os diversos tipos de navios auxiliares, enquanto que no Brasil esta é usada para identificar navios-aeródromo (NAe). No sistema da Otan, os NAe são identificados pela letra “R”. A rigor, o Brasil teve apenas dois navios deste tipo, o NAeL *Minas Gerais* (A11), que operou de 1961 a 2001, e o NAe *São Paulo* (A12), incorporado à MB em 2001, que deu baixa no final de 2018. O recém-adquirido *Atlântico* (A140) é um Porta-Helicópteros Multipropósito (PHM), e não um NAe¹⁵.

Em nossa Marinha, a maioria dos navios auxiliares (inclusive os navios anfíbios) é identificada pela letra “G”. Além disso, usam-se também as letras “R” (rebo-

15 PORTA-HELICÓPTEROS Multipropósito (PHM) *Atlântico* – A140. *Poder Naval*, 25 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.naval.com.br/blog/2018/04/25/porta-helicoptero-multiproposito-phm-a-140-atlantico/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Fragata *Independência* (F44) – Foto MB

cadores) e “U” (navios diversos). A troca do “R” pelo “A”, nos indicativos visuais dos NAE, assim como o emprego do “G” em lugar do “A” e do “L”, respectivamente para navios auxiliares e anfíbios, são as maiores diferenças entre o sistema em uso no Brasil e aquele empregado pela Otan e por diversos outros países. Por tratar-se de unidades de grande porte, que normalmente atraem atenção, isso pode causar alguns inconvenientes de relações públicas para nossa Marinha no exterior.

No caso dos navios de escolta, nossas corvetas (embora estejam mais para fragatas leves) são ainda identificadas pela letra “V”, em lugar de “F”. Os quatro novos navios de escolta, designados como classe *Tamandaré*, receberão os nomes de *Tamandaré* (V35), *Jerônimo de Albuquerque* (V36), *Cunha Moreira* (V37) e

Mariz e Barros (V38)¹⁶. No Brasil, a letra “K” é empregada para navios de socorro submarino (NSS), sendo a letra “U” usada para designar navios-escola (NE) e outros “navios diversos”. Os rebocadores de alto-mar (RbAM), como vimos acima, são identificados pela letra “R”, mas os novos navios de apoio oceânico (NApOc) da classe *Mearim* utilizam os indicativos G-150, G151 e G152. As embarcações de serviço ou de desembarque, por sua vez, ostentam indicativos das organizações militares (OM) nas quais estão em carga.

PADRONIZANDO AS DIFERENÇAS

Para os vários tipos de navio citados, as diferenças registradas denotam nítida influência de antigos sistemas alfanuméricos, cujos vestígios ainda persistiam à

16 SALLES, Felipe de Souza. Euronaval: Novas corvetas já têm nome e designadores! *Base Militar Web Magazine*, 27 out. 2014. Disponível em: <<http://www.alide.com.br/joomla/component/content/article/75-extra/4651-euronaval-novas-corvetas-ja-tem-nome-e-designadores>>. Último acesso em: 23 jan. 2018.

época em que a Marinha do Brasil padronizou o atual sistema. Por não exigir alterações de legislação, a retificação dessas pequenas diferenças poderia ser feita administrativamente, de forma relativamente simples. Como exemplos de transformações muito mais “radicais” e complexas, pelas quais passou a Marinha do Brasil no final do século XX, podemos citar a criação do Ministério da Defesa e do Comando da Marinha em 1999, assim como a recuperação da aviação embarcada de asa fixa pela Marinha em 1998. Essas mudanças foram bem mais controvertidas do que a pintura de letras e números.

O Plano de Articulação e Equipamento da Marinha do Brasil (Paemb), elaborado em 2009 e revisto em 2012-2013, previa a obtenção de diversos tipos de navios, inclusive dois NAe capazes de operar com aeronaves de asa fixa e quatro navios de propósitos múltiplos (NPM) com capacidade para helicópteros de grande porte, além de cinco navios de apoio logístico (NAPLog) e quatro navios-transporte de apoio (NTrA)¹⁷. Isso poderia criar alguns inconvenientes quanto à escolha dos indicativos visuais. Pelo atual sistema, os NAe deveriam utilizar indicativos com “A”, enquanto que os NAPLog e NTrA usariam indicativos com “G”. Entretanto, qual letra deveria ser utilizada para os NPM, uma vez que – apesar de serem dotados de convés de voo corrido – estes não são propriamente “navios-aeródromo”, nem tampouco “navios auxiliares”?

Pelo sistema da Otan, os futuros NAPLog ostentariam indicativos com a letra “A”, que designa as unidades navais auxiliares, enquanto que os NPM e os NTrA usariam a letra “L”, internacionalmente associada a navios de assalto e desembarque anfíbio. No passado, a MB usou a letra “L”, para designar três embarcações de desembarque de carga geral (EDCG), que foram reclassificadas como embarcações miúdas no início da década de 90. Essa letra foi recentemente “ressuscitada”, para designar a EDGC *Marambaia* (L20), classificada como navio de 4ª classe. Nada mais natural do que utilizá-la para todos os navios que constituem o “conjugado anfíbio” da MB – que representa a capacidade de projeção do Poder Naval sobre terra, nucleada na tropa de desembarque do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) e integrada por navios, aeronaves e embarcações de diversos tipos.

A obtenção pelo Brasil, por “compra de oportunidade”, em fevereiro de 2018, do porta-helicópteros de assalto britânico HMS *Ocean* (L12) vem confirmar, na prática, as questões suscitadas acima¹⁸. O nome e o indicativo de tal navio – assim como a sua designação de tipo no Brasil – não foram divulgados, por ocasião da assinatura do contrato de transferência, dando margem a especulações – segundo as quais, este seria designado como “Navio Porta-helicópteros Multipropósitos” (NPhM) e receberia o nome de um estado brasileiro¹⁹. Finalmente, foi confirmado

17 BRASIL. Coordenação do PRM/Grupo de Trabalho Paemb. *Programa de Reaparelhamento da Marinha*. Apresentação para Abimaq/Abimde. São Paulo, 05 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.abinee.org.br/informac/arquivos/marin09.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2010.

18 BRASIL. Diretoria-Geral de Material da Marinha. Marinha do Brasil assina o contrato de transferência do HMS *Ocean* – 19 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/content/marinha-do-brasil-assina-o-contrato-de-transferencia-do-hms-ocean>>. Último acesso em: 21 fev. 2018.

19 LOPES, Roberto. *Ocean* terá nome de estado e virá com radar Artisan, mas CIWS Phalanx ainda é incerto. *Poder Naval*, 26 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.naval.com.br/blog/2017/12/26/exclusivo-ocean-tera-nome-de-estado-e-vira-com-radar-artisan-mas-ciws-phalanx-ainda-e-incerto/>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

que o novo navio-capitânia da Esquadra brasileira seria o PHM *Atlântico* (A140)²⁰.

Embora possa ser empregado no controle de área marítima, assim como no assalto anfíbio e em operações de “não-guerra” (ações humanitárias ou operações de paz), este porta-helicópteros não vem substituir o NAe *São Paulo*, mas sim integrar o “conjugado anfíbio” da MB, complementando o Navio-Doca Multipropósitos (NDM) e os três Navios de Desembarque de Carros de Combate (NDCC) existentes. Seria conveniente que tais navios ostentassem indicativos visuais com a letra “L”, padrão internacional para unidades anfíbias. Todavia, como a substituição plena do NAe que deu baixa recentemente é uma perspectiva de longo prazo, a capacidade de emprego do

Atlântico como porta-helicópteros anti-submarino talvez justifique sua inclusão na categoria geral de “navio-aeródromo”.

Os futuros NAE deveriam usar a letra “R”, enquanto que os NApLog e demais navios auxiliares utilizariam a letra “A” nos indicativos. As atuais e futuras corvetas (as antigas nada mais eram do que rebocadores armados) deveriam usar indicativos com a letra “F”, padrão para navios de escolta do porte de fragata ou corveta. Os RbAM e outros navios auxiliares, assim como os NSS, NE e demais “navios diversos”, usariam indicativos com a letra “A”. A letra “K” só seria usada em casos muito excepcionais, e a letra “U” (historicamente associada aos submarinos alemães) seria abandonada. As demais letras já estão sendo empregadas por nossa Marinha, em



LHD francês *Dixmude* (L9015) – Foto US Marine Corps - Sgt Kassie L McDole

20 PORTA-HELICÓPTEROS Multipropósito (PHM) *Atlântico* – A140. *Op. cit.*



Fragata alemã *Emden* (F210) – Foto US Navy – Shonna Cunningham

conformidade com o padrão internacional (“M” para navios-varredores, “H” para navios hidroceanográficos etc.).

PINTURA DOS INDICATIVOS E DAS UNIDADES

A cor e o tipo de caracteres utilizados nos indicativos visuais podem variar de país para país. No caso dos navios de superfície, as cores mais comuns são o branco sombreado de preto (como nos EUA e no Brasil) e o preto (como na França e em Portugal). Os navios britânicos usam indicativos pretos, mas com um filete branco em torno dos caracteres. As unidades navais italianas usam caracteres vermelhos. Para os diversos tipos de unidades, as escolhas refletem razões de ordem estética e prática, em função do tom de cinza usado na pintura dos navios e de outros fatores. Como os submarinos são pintados de preto e operam quase sempre submersos, várias Marinhãs (inclusive as dos EUA e da Grã-Bretanha) não exibem os indicativos na vela. Outras (inclusive

as do Brasil, da França e da Itália) preferem usar caracteres vermelhos, bem mais discretos contra um fundo preto.

Em diversos países, são empregadas tintas de baixa assinatura infravermelha nos indicativos e na pintura dos cascos, embora as camuflagens “disruptivas” em várias cores tenham caído em desuso. Há anos, a Marinha do Brasil vem realizando experiências com tintas especiais de fabricação nacional. Para fins de camuflagem, as cores do casco e do indicativo podem variar, de acordo com o ambiente em que o navio opera ou da missão que este desempenha. Conforme tais critérios, as unidades fluviais podem ser pintadas em tons e cores diferentes dos empregados naquelas que operam em ambiente marítimo. Desde o século passado, os navios hidrográficos e oceanográficos de nossa Marinha são pintados de branco, com mastros e chaminés ocre e indicativos visuais verdes, enquanto que os navios polares têm superestrutura branca, mastro (s) e chaminé (s) pintados de ocre e casco vermelho, com indicativos de caracteres brancos sem sombreado.

No caso dos NAe e outros tipos de navio, com convés de voo corrido e superestrutura em “ilha” a boreste, o indicativo visual costuma ser pintado no costado de proa ou na ilha, mas *não em ambos* os lugares simultaneamente. Nos NAe e em outras classes de navios de superfície, é prática comum pintar um *deck code* (código de convés) sobre o convoo. Na Royal Navy usa-se uma letra do nome de cada NAe e combinações de duas letras do nome dos navios de outros tipos. Na U.S. Navy pinta-se a parte numérica do indicativo de cada NAe ou navio de superfície. Na MB repete-se o indicativo do navio sobre o convés de voo. Tanto o NAe *São Paulo* como o NAeL *Minas Gerais* (em seus últimos anos) tiveram indicativos visuais pintados na proa (em ambos os lados do costado) e a bombordo da ilha – mas não (exceto no *Minas*, por um breve período) sobre o convoo. O novo PHM *Atlântico* tem seu indicativo pintado em grandes caracteres a ré no convoo, na proa e, em tamanho menor, em ambos os lados da ilha – uma solução estética bastante aceitável.

CONCLUSÃO

As cores atuais dos navios de combate e auxiliares operados pelas diversas Marinhas do mundo tiveram origem na virada do século XIX para o século XX, pouco antes

da Primeira Guerra Mundial. Os indicativos visuais dos navios também evoluíram durante o século passado, resultando nos dois sistemas predominantes atualmente em uso: o alfanumérico (*Pennant Number*), de origem britânica, e o numérico (*Hull Classification Symbol*), de inspiração direta ou indireta norte-americana. Os indicativos alfanuméricos, utilizados pelas Marinhas dos países europeus que são membros da Otan, foram também adotados por diversas outras Marinhas, inclusive a nossa.

Embora não use a sequência numérica padrão da Otan, o sistema adotado na MB emprega, com algumas exceções, as mesmas letras utilizadas por aquela organização. A recente obtenção, por nossa Marinha, de um navio de tipo inédito, o PHM *Atlântico* (A140), gerou algumas dúvidas quanto à designação de tipo e ao indicativo a serem atribuídos à nova unidade – criando, com isso, uma “janela de oportunidade” para o presente trabalho. Não haveria sentido o Brasil empregar a numeração sequencial dos indicativos visuais das Marinhas da Otan, mas talvez fosse conveniente fazer pequenos ajustes nas letras utilizadas, de acordo com o padrão internacional, a fim de que seus meios fossem mais facilmente associados, pelo público em geral, a seus congêneres de outras Marinhas.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<FORÇAS ARMADAS>; Navio; Organização;

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Coordenação do PRM/Grupo de Trabalho Paemb. *Programa de Reaparelhamento da Marinha*. Apresentação para Abimaq/Abimde. São Paulo, 5 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.abinee.org.br/informac/arquivos/marin09.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2010.
- BRASIL. Diretoria-Geral de Material da Marinha. “Marinha do Brasil assina o contrato de transferência do HMS *Ocean*” – 19 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/content/marinha-do-brasil-assina-o-contrato-de-transferencia-do-hms-ocean>>. Último acesso em: 21 fev. 2018.
- MASON, Geoffrey B. British Pennant Numbers. *Naval History Homepage*, 1 Dec. 2010. Disponível em: <<http://www.naval-history.net/xGM-Ops-Pennant%20Numbers.htm>>. Último acesso em: 16 jan. 2018.
- SALLES, Felipe de Souza. “Euronaval: novas corvetas já têm nome e designadores!” *Base Militar Web Magazine*, 27 out. 2014. Disponível em: <<http://www.alide.com.br/joomla/component/content/article/75-extra/4651-euronaval-novas-corvetas-ja-tem-nome-e-designadores>>. Último acesso em: 23 jan. 2018.
- HULL classification symbol. *Wikipedia, the free encyclopaedia*, 18 Jan. 2018. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Hull_classification_symbol>. Último acesso em: 23 jan. 2018.
- HULL classification symbol (Canada). *Wikipedia, the free encyclopaedia*, 8 Nov. 2017. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Hull_classification_symbol_\(Canada\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Hull_classification_symbol_(Canada))>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- LIST of Hull classifications. *Wikipedia, the free encyclopaedia*, 30 Dec. 2017. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_hull_classifications>. Último acesso em 23 jan. 2018.
- LOPES, Roberto. “*Ocean* terá nome de estado e virá com radar Artisan, mas CIWS Phalanx ainda é incerto”. *Poder Naval*, 26 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.naval.com.br/blog/2017/12/26/exclusivo-ocean-tera-nome-de-estado-e-vira-com-radar-artisan-mas-ciws-phalanx-ainda-e-incerto/>>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- MEIOS operativos – *Página Oficial da Marinha do Brasil*. Disponível em: <http://mar.mil.br/navios/menu_navios_mb.htm>. Acesso em: 4 dez. 2012.
- NGB – *Navios de Guerra Brasileiros* (página inicial). Relação em ordem alfabética. Disponível em: <<http://naval.com.br/ngb/>>. Último acesso em: 23 jan. 2018.
- OS NOMES dos novos submarinos brasileiros. *Segurança & Defesa Online*, 31 out. 2012. Disponível em: <http://www.segurancaedefesa.com/Nomes_NovosSubs.html>. Acesso em: 4 nov. 2012.
- PENNANT Number. *Wikipedia, the free encyclopaedia*, 23 Dec. 2017. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pennant_number>. Último acesso em: 16 jan. 2018.
- PORTA-HELICÓPTEROS Multipropósito (PHM) *Atlântico* – A140. *Poder Naval*, 25 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.naval.com.br/blog/2018/04/25/porta-helicoptero-multiproposito-phm-a-140-atlantico/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- SCHEINA, Robert L. (Ed.) *Conway's All the World's Fighting Ships, 1947-1995*. Annapolis: Naval Institute Press, 1996.
- SILHUETAS dos navios em serviço na Marinha do Brasil – Atualizado até set. 2017. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/sites/default/files/silhueta_internet.pdf>. Acesso em 18 jan. 2018.
- WILTGEN, Guilherme. “Submarinos brasileiros já têm nome e indicativo visual”. *Defesa Aérea & Naval*, 10 nov. 2012. Disponível em <<http://www.defesaareanaval.com.br/?tag=dcns>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

ANEXO
Quadro nº 1:
LETRAS DOS INDICATIVOS VISUAIS ALFANUMÉRICOS
Adotados na Grã-Bretanha em 1948
Padronizados para a Otan em 1949 e revistos em 1958
(Adotados oficialmente no Brasil em 1955)

| Royal Navy | Marinha do Brasil | DESCRIÇÃO DE TIPO |
|------------|-------------------|---|
| A | G*, R**, U*** | <i>Auxiliary</i> (auxiliar) |
| B**** | - | <i>Battleship</i> (encouraçado) |
| C | C | <i>Cruiser</i> (cruzador) |
| D | D | <i>Destroyer</i> (contratorpedeiro) |
| F | F, V | <i>Frigate, Corvette</i> (fragata, corveta) |
| H | H | <i>Hydrographic</i> (hidrográficos) |
| K | K***, U**** | <i>Miscellaneous</i> (diversos) |
| L | - | <i>Amphibious Assault</i> (assalto anfíbio) |
| M | M | <i>Mine Countermeasures</i> (contramedidas de minagem) |
| N**** | - | <i>Minelayer</i> (lançador de minas) |
| P | P | <i>Patrol</i> (patrulha) |
| R** | A | <i>Aircraft Carrier</i> (navio-aeródromo) |
| S | S | <i>Submarine</i> (submarino) |
| Y | - | <i>Service Craft</i> (embarcações de serviço) |

Observações: [*] No Brasil, a letra “G” é usada por navios de apoio logístico e por navios anfíbios; [**] A letra “R”, usada por NAE na Grã-Bretanha, é usada por rebocadores no Brasil; [***] No Brasil, a letra “U” é usada por navios-escola e por outros navios diversos, sendo a letra “K” usada por navios de socorro submarino; [****] Na Grã-Bretanha, as letras B e N caíram em desuso.

FONTE: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pennant_number>.

ANEXO
Quadro nº 2:
MARINHAS QUE ADOTARAM O SISTEMA BRITÂNICO DE
INDICATIVOS ALFANUMÉRICOS










































































































| PAÍS | SEQUÊNCIA DE NUMERAÇÃO* |
|---------------|--|
| Alemanha | D: 1xx; F: 2xx; M: 10xx, 26xx; P: 61xx; A: 5x, 51x, 14xx; L: 76x |
| Argentina | D: 1x, 2x; P: 3x, 4x; S: 2x; 3x; C: x; V: x |
| Austrália | Sistema da Royal Navy até 1969; agora usa sistema baseado no da U.S. Navy |
| Bélgica | 9xx; M: 4xx |
| Canadá | Usa sistema baseado no da U.S. Navy (ver observação sobre Austrália) |
| Dinamarca | N: 0xx; A/M/P: 5xx; F/S/Y: 3xx; L:0xx |
| Espanha | A: xx, 1xx, 2xx; F: 8x, 1xx; L: 5x, 6x; M: xx; P: xx, 1xx, 2xx; R: 1x; S: 7x. |
| França | R: 9x; C/D/S: 6xx; M/P/A: 6xx, 7xx; L:9xxx |
| Grécia | D/P: 0x, 2xx; A/F: 4xx; L/S/M: 1xx |
| Itália | 5xx; M/A: 5xxx; P: 4xx; L: 9xxx |
| Noruega | F/S/M: 3xx; P: 9xx; L: 45xx |
| Países Baixos | 8xx; Y: 8xxx |
| Portugal | F/M: 4xx; S: 1xx; P: 11xx0 |
| Reino Unido | R: 0x; D: 0x & 1xx; F: 0x, 1xx, 2xx; S: 0x, 1xx; M: 0x, 1xx, 1xxx, 2xxx; P: 1xx, 2xx, 3xx; L: 0x, 1xx, 3xxx, 4xxx; A: qualquer |
| Turquia | D/S: 3xx; F: 2xx; N: 1xx; A/M: 5xx; P: 1xx, 3xx, L: 4xx; Y: 1xxx |
| Outros países | África do Sul, Brasil, Malásia, Nova Zelândia, Polónia, Quênia, Sri Lanka |

Observação: [*] Primeiro dígito indica milhar, centena ou dezena. Letras “x” representam os demais dígitos. A maioria dos membros da Otan (a Espanha é uma exceção) utiliza sequências padronizadas de numeração dos indicativos, com grupos de números reservados para os vários países.

FONTE: <https://en.wikipedia.org/wiki/Pennant_number>.

ANEXO
Quadro de Silhuetas

Marinha do Brasil

| | | | | |
|--|--|---|---|---|
| Portahelicópteros Multipropósito | Navio de Socorro Submarino | Navios-Paratropa (Classe Gajau) | Rebocadores de Altoletra (Classe Triunfo) | Navio Hidroceanográfico Fanelero |
|  P-160 - Alcides |  K-17 - Felício Paes |  P-20 - Ceará |  R-21 - Tibão |  H-34 - Afrânio de Azevedo |
| Fragatas (Classe Niterói) | Navio de Desembarque de Camas de Combate |  P-41 - Curitiba |  R-23 - Tigrão | Navio Hidroceanográfico Fluvial |
|  F-09 - Niterói |  Q-25 - Almirante Siqueira |  P-42 - Guanabara |  M-17 - Pernambuco |  H-19 - Rio Branco |
|  F-11 - Deodoro |  Q-26 - Almirante Lima |  P-43 - Guanabara | Navios de Assistência Hospitalar |  H-12 - Rio de Janeiro |
|  F-22 - Conde de Balsem |  Q-23 - General Prates |  P-44 - Guanabara |  U-15 - Doutor Romão |  H-13 - Rio Negro |
|  F-43 - Liberdade | Navio Doca Multipropósito |  P-45 - Ourinhos |  U-16 - Doutor Romão |  H-14 - Rio São João |
|  F-44 - Independência |  G-40 - Bahia |  P-46 - Ourinhos |  U-19 - Carlos Chagas |  H-15 - Rio Negro |
|  F-45 - União | Navio-Escola |  P-49 - Ourandiba |  U-20 - Tenente Marinheiro |  H-17 - Caracas |
| Fragatas (Classe Greenhalgh) |  U-27 - Brasil | Navios-Paratropa (Classe Piratini) |  U-21 - Sargento de Mentes | Navios-Balizadores |
|  F-46 - Greenhalgh | Navio-Vieirão |  P-10 - Paraíba |  U-18 - Transporte |  H-16 - Comandante Weller |
|  F-49 - Reinharder |  U-20 - Casa Branca |  P-11 - Paraíba |  U-19 - Pargassau |  H-19 - Tenente Celso |
| Corvetas (Classe Imbarum) | Navios-Tanque |  P-12 - São Paulo |  U-15 - Jataí |  H-20 - Comandante Mendes |
|  V-31 - Jacarandá |  Q-23 - Almirante Góes Monteiro |  P-13 - Pernambuco |  U-16 - Jataí |  H-21 - Tenente Soares |
|  V-32 - Jiló de Normandia | Navio de Apoio Logístico Fluvial |  P-14 - Paraíba |  U-17 - Jataí |  H-22 - Fantele Soares |
| Corveta (Classe Barroso) |  G-17 - Fregate | Navios-Paratropa (Classe Bacuri) |  U-18 - Jataí |  H-23 - Fantele Soares |
|  V-24 - Barroso | Corvetas (Classe Imperial Marítimo) |  P-15 - Paraíba |  U-19 - Jataí |  H-24 - Fantele Soares |
| Submarinos (Classe Tupi) |  V-19 - Cacoço | Navios-Paratropa (Classe Oceânico) |  U-20 - Jataí |  H-25 - Fantele Soares |
|  S-30 - Tupi | Navios-Paratropa Fluvial (Classe Pedro Tonatiá) |  P-20 - Paraíba |  U-21 - Jataí |  H-26 - Fantele Soares |
|  S-31 - Timão |  P-21 - Fregate |  P-21 - Amazonas |  U-22 - Jataí |  H-27 - Fantele Soares |
|  S-32 - Timão |  P-22 - Angra | Navios de Apoio Oceanográfico (Classe Kearny) |  U-23 - Jataí |  H-28 - Fantele Soares |
|  S-33 - Timão | Navios-Paratropa Fluvial (Classe Romani) |  G-12 - Paraíba |  U-24 - Jataí |  H-29 - Fantele Soares |
|  S-34 - Timão |  P-30 - Romani |  G-15 - Paraíba |  U-25 - Jataí |  H-30 - Fantele Soares |
| |  P-31 - Rio de Janeiro | Navios-Varredoras (Classe Aratu) |  U-26 - Jataí |  H-31 - Fantele Soares |
| |  P-32 - Angra |  M-15 - Aratu |  U-27 - Jataí |  H-32 - Fantele Soares |
| | |  M-17 - Aratu |  U-28 - Jataí |  H-33 - Fantele Soares |
| | |  M-18 - Aratu |  U-29 - Jataí |  H-34 - Fantele Soares |
| | |  M-20 - Aratu |  U-30 - Jataí |  H-35 - Fantele Soares |